

# Sisu: oportunidade de ingresso em universidades federais de todo o país

Criado há sete anos, o Sisu permite usar a nota do Enem para disputar vagas em instituições de ensino superior, a maioria em universidades federais. Oportunidades em vários cursos

Entre os participantes do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), a maioria procura usar a nota para concorrer a vagas em instituições públicas de ensino superior. Elas podem ser disputadas pelo Sistema de Seleção Unificada (Sisu), uma plataforma online em que o participante insere login e senha cadastrados no Enem e faz suas escolhas de carreira e instituição de ensino.



Na próxima edição, poderá concorrer às vagas quem fizer o Enem 2018. Se a regra do último Sisu for mantida, será necessário obter nota acima de zero em redação. Em algumas instituições, podem ser exigidas notas mínimas de acordo com o curso.

O MEC realiza duas edições do Sisu por

ano: uma em janeiro e outra em junho. Em 2018, a primeira edição teve oferta total de 239.716 vagas em 130 instituições, entre universidades federais, institutos federais de educação, ciência e tecnologia e instituições estaduais. Dessas, 30 eram instituições públicas estaduais: um centro universitário, sete faculdades e 22 universidades; 100 eram públicas federais, com dois centros de educação tecnológica, uma faculdade, 36 institutos federais de educação, ciência e tecnologia e 61 universidades.

Na segunda edição, em junho, a oferta total foi de 57.271 vagas, todas para ingresso no segundo semestre. O quantitativo foi distribuído por 68 instituições de ensino superior, sendo oito públicas estaduais – um centro universi-

tário e sete universidades –, uma faculdade pública municipal e 59 públicas federais, com dois centros de educação tecnológica, 27 institutos federais de educação, ciência e tecnologia e 30 universidades.

Dias antes do início das inscrições, é comum o MEC abrir o acesso às vagas ofertadas por curso e instituição de ensino. O objetivo é antecipar a etapa de pesquisas dos candidatos para que os acessos durante o período de inscrições ocorram majoritariamente para o preenchimento das informações necessárias para concorrer às vagas.

As inscrições no Sisu são feitas exclusivamente pela internet. Ao ingressar no sistema, o candidato escolhe, por ordem de preferência, até duas opções de curso superior entre as chances ofertadas. No entanto, é possível mudar as alternativas durante o período de inscrição, sendo considerada válida a última modificação confirmada.

## Inep vai criar Sisu voltado para transferências

A Educação Superior brasileira ofertou, só em 2017, mais de 10,7 milhões de vagas em cursos de graduação. Mais de 90% delas estão sob gestão do Governo Federal foram preenchidas. As salas cheias dos primeiros períodos, entretanto, nem sempre se mantêm.

O Censo da Educação Superior 2017 revelou 164 mil vagas remanescentes na rede pública. Desse total, 99 mil são vagas em universidades federais e 70% delas não foram preenchidas. Considerando também as particulares, foram 2,8 milhões de vagas remanescentes, só em 2017.

O cenário revelado pelo Censo da Educação Superior 2017. Para a ocupação dessas vagas remanescentes em cursos de graduação em instituições públicas e gratuitas de educação superior, o MEC anunciou o Sistema de Seleção Unificada (Sisu) Transferência. "Essas vagas ociosas representam um verdadeiro desperdício de dinheiro público, que vem sendo acumuladas há anos. Algo que o Censo trouxe a luz é que temos muitas oportunidades que são ofere-

cidas, mas não são preenchidas, sobretudo aquelas que aparecem de alunos que desistem dos cursos. Nisso surgem vagas, às vezes no segundo, no terceiro, no quarto, no quinto semestre", destacou o ministro da Educação Rossieli Soares, durante a coletiva. "O MEC vai lançar um módulo do Sisu para facilitar o acesso dos alunos que tenham interesse em ingressar na rede pública para concorrer a uma das 70 mil vagas remanescentes não preenchidas somente em um ano", completou.

Rossieli Soares lembrou que o sistema será por adesão e terá regras que serão complementadas pelas próprias universidades, como é o próprio Sisu, que utiliza o Enem e outras fontes delimitadas pelas próprias instituições de ensino.

A alta taxa de desistência nos cursos de graduação, principalmente em cursos de licenciatura, é uma das causas da ampliação de vagas remanescentes. Outro fenômeno está diretamente relacionado ao formato do Sistema de Seleção Unificada, que permite ao participante do Exame

Nacional do Ensino Médio (Enem) encontrar o curso possível com a nota alcançada, mesmo que em uma unidade da federação distante de sua residência. O que por um lado promove o acesso, por outro pode estar aumentando o abandono dos cursos quando o mesmo estudante consegue uma opção que considera mais adequada.

Dos 329 mil ingressantes em instituições federais, um quinto fez o Enem novamente, mesmo já estando matriculado. Na visão do Inep, essa é uma evidência de que esses alunos buscam mudar de curso ou instituição, fenômeno que potencializa a desistência do curso e a criação de mais vagas remanescentes.

"É essa a missão do Inep. Permitir que as evidências que produz por meio dos levantamentos estatísticos, exames e avaliações revelem problemas, mas também oportunidades de enfrentamento. Só políticas públicas sérias, construídas à luz de informações de confiança como as produzidas pelo Censo da Educação Superior serão capazes de acelerar o ritmo e a direção da expansão da educação superior", afirmou a presidente do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), Maria Inês Fini.

## MEC: 10,6% dos inscritos no Enem são 'treineiros'

Entre os 5.513.662 inscritos confirmados no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) de 2018, dois grupos de candidatos não têm interesse imediato no resultado da prova. Desse contingente, 587.915 inscritos que concluirão o ensino médio a partir do próximo ano letivo e 52.828 que não estão cursando o ensino médio. São os chamados "treineiros", participantes que fazem a prova, em geral, como teste para terem melhor desempenho em outras edições.

Juntos, esses dois grupos somam 640.743 inscritos, o que representa 11,62% dos participantes. Apesar de o total ser expressivo, ele vem caindo ao longo dos últimos anos. Na edição de 2017, foram 672.408. Na edição de 2016, foram 1.816.838 treineiros. Em 2015 foram 1.604.525 e, no exame de 2014, os dois grupos somaram 2.013.562.

Uma das justificativas para a queda brusca do grupo de participantes que não estão entre os concluintes e dos que já terminaram o ensino médio, ou seja, dos que não têm como foco imediato o ingresso em

universidades públicas ou privadas, pode ter sido uma mudança nas regras do exame nacional na edição do ano passado. Na ocasião, o MEC estabeleceu que o Enem não seria mais usado para fins de certificação.

Até o Enem 2016, era possível usar a pontuação da prova nacional para requerer certificado de conclusão do ensino médio. Com a mudança, o público que não é concluinte ou não terminou a educação básica restringiu-se basicamente aos que farão a prova mas não estão no 3º ano.

Mas qual a vantagem de fazer o vestibular "antes da hora"? Para o professor Cláudio Falcão, diretor do Sistema de Ensino pH, o aluno pode simular a prova numa condição real com os conhecimentos que adquiriu ao longo do 1º e do 2º ano do ensino médio, por exemplo. "O mais importante é ter um diagnóstico e conferir o resultado de como está o nível de conteúdo e prática para o Enem."

Outro atrativo de fazer o Enem como treineiro é usar a prova como uma avaliação, a

partir da qual é possível analisar os resultados para identificar os pontos fracos. Também é uma oportunidade para o estudante ver quais erros não pode repetir, seja na preparação acadêmica ou emocional, na oportunidade em que fizer o Enem pra valer.

Tudo isso permite estruturar um plano de ação, capaz de ajudar o estudante a corrigir lacunas e aperfeiçoar o aprendizado. Por isso, segundo Cláudio Falcão, é indicado que os participantes que ainda não concluíram o ensino médio realizem o Enem como ferramenta de estudos.

"O treineiro vai com uma carga emocional melhor porque está treinando, então é comum que ele faça a prova com mais tranquilidade. Isso é um ponto positivo porque quando chegar no terceiro ano, não vai ser uma experiência nova", ressalta Falcão.

O diretor do Sistema de Ensino pH lembra que ter calma é a chave para uma boa resolução das questões. A dica vale tanto para o treineiro como para qualquer um que esteja fazendo a prova. "O aluno precisa ter a ideia de que ele fez o que podia fazer, tendo confiança no seu trabalho. Ele não tem que se preocupar com esse resultado e ficar nervoso, porque está treinando e aperfeiçoando suas técnicas de estudo", finaliza.